

## As artes de resistir: mulheres na cena anarcopunk (1990-2002)

GABRIELA MIRANDA MARQUES\*<sup>1</sup>**Introdução**

O que entendemos por punk é algo que na historiografia em geral remonta à década de 1970 e aos Estados Unidos e Inglaterra, onde este teria surgido. Nesta década o punk, como estilo musical e atitude, ficou conhecido através de bandas como Sex Pistols e Ramones, ambas com acordes rápidos e letras que falavam de uma juventude sem futuro. O visual<sup>2</sup> composto por cabelos espetados e coloridos, roupas velhas, símbolos, rebites, coturnos e acessórios de couro eram algo que destacavam os/as punks das demais pessoas. O visual também era muito próprio de uma classe operária, de uma sociedade empobrecida e de um mundo que vivia as vésperas de uma hecatombe nuclear. Suas vestimentas em uma estética agressiva, buscam causar o desconforto a quem vê, roupas sujas, rasgadas, remendadas, com *spikes*, *rebites*, *patches* são a lembrança ambulante de que as coisas não vão bem, que roupas não deveriam ser mais prezadas do que pessoas. Essa forma de vestir é entendida, aqui, como violência estética<sup>3</sup>.

O punk chega ao Brasil ainda na década de 1970, mas é na década de 1980 que ganha visibilidade principalmente nas grandes capitais como Rio de Janeiro e São Paulo. Visibilidade foi gerada em parte pela grande mídia e pelo festival “Começo do fim do mundo” realizado em São Paulo, no ano de 1982, que acabou com uma grande confusão amplamente noticiada. Neste período grupos punks se reuniam em shows e pontos de encontro específicos nas periferias, desde então se produziam fanzines e trocavam-se material musical de diversas partes do mundo (CAIAFA, 1985: 32).

---

<sup>1</sup> \* Doutoranda do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina. Bolsista da CAPES/DS.

<sup>2</sup> Visual é um termo êmico que corpora as vestimentas e acessórios ligados ao punk. Visual remete também a uma certa performatividade no sentido Butleriano, onde este visual, em sua maior parte, é algo que pode ser colocado e retirado, no entanto, o visual é também composto por caracteres “imutáveis” a curtíssimo prazo, como tatuagens, piercings, alargadores, e cortes de cabelo. BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003.

<sup>3</sup> Trabalharei com o conceito de violência de acordo com o apresentado por Hannah Arendt, mesmo que a autora trabalhe o conceito mais ligado às relações no estado, aqui ele pode ser expandido para outras esferas como relações culturais. ARENDT, Hannah. 2007. A condição humana. Rio de Janeiro: Forense universitária, e ARENDT, Hannah. 1985. Da violência. Brasília: Ed. Universidade de Brasília.

Estabeleceu-se, aqui no Brasil, algo entendido como uma cultura punk, esta caracterizada primordialmente pela máxima faça-você-mesmo, em inglês do it yourself- DIY (O HARA, 2005). Esta lógica é transposta para todos os aspectos da vivência no punk, desta forma, se uma pessoa quer tocar é só pegar instrumentos e sair tocando<sup>4</sup>, se o instrumento não existe improvisa-se com o que se tem. Em entrevista ao documentário “Botinada”(Gastão Moreira, 2006, cor, 152min) um integrante da banda Replicantes, uma das primeiras bandas punks de visibilidade no Brasil, conta que na falta de uma bateria, eles ensaiavam com um sofá. O que vale para a música, e para as roupas e acessórios, vale também para a mídia. A cultura punk tem uma forte vertente anticapitalista, a crítica social é de grande importância para essas pessoas que, muitas vezes, não tinham espaço de fala e devido a isso passaram a criar seus próprios espaços. Foi nessa perspectiva que o principal meio de difusão de informação e comunicação punk se tornaram os zines<sup>5</sup> (fanzines). Sobre estes falaremos mais adiante.

O que poderia ser apontada como uma cena desarticulada, somente musical, *ganguista* e pouco política na década de 1980, passa no final da mesma, a ter em seu interior grupos mais ativos politicamente. A década de 1990 trouxe, portanto, novos questionamentos e novas práticas no interior da cena<sup>6</sup> punk no Brasil.

Uma corrente que se fortalece e amplia é denominada de anarcopunk, esta, junta os ideais anarquistas em suas diversas correntes a luta de diversos movimentos sociais: movimento negro, movimento LGBTTT, Sem-teto, passando a conviver e trocar experiências, categorias e vivências com outros setores da sociedade, isso aliado a vivência da cultura punk. Para aquelas e aqueles que assumem uma vivência completa no anarcopunk propõe-se constantemente questionar e desconstruir subjetividades, e um viver, em sua complexidade, aquilo que se assume enquanto luta. Desta forma, para este artigo interessam principalmente as vivências de pessoas anarcopunks que assumem esta como sua forma de vida. Fazendo de

---

<sup>4</sup> Interessante notar que as músicas punks são compostas em geral por três acordes tocados de forma rápida e não passam de um minuto na maior parte das vezes tornando-as possíveis de serem tocadas por quase qualquer pessoa disposta a fazê-lo, sem necessidade de treinamento técnico.

<sup>5</sup> Contração de fan+magazine, publicação independente de baixo custo e qualidade técnica. Estes são, em geral, feitos de acordo com o lema “faça você mesmo”; assim, todo o processo de construção, cópia e distribuição ficam a cargo daquele indivíduo ou coletivo que se responsabilize pelo mesmo. Pode-se grafar fanzine ou zine para designar o mesmo suporte.

<sup>6</sup> Cena é um termo êmico, utilizado para designar o conjunto de práticas culturais ligadas pela proposta musical punk. Poder-se-ia, ainda, falar em uma cena anarcopunk, metal, straidh edge, etc.

seu cotidiano a luta por idéias que acreditam, indo para além das propostas musical e estética do início dos anos 1980, muitas/os sujeitos hoje aderem a questionamentos de moradias, morando em ocupações ou *squatts*<sup>7</sup>, questionando o capitalismo e suas fronteiras, vivendo de forma *freegan*<sup>8</sup>, questionando outras relações de poder em relacionamentos amorosos e de amizade.

### As artes de viver

Entendemos por forma-de-vida, a vida que não pode se separar de sua forma. Esta vida é, sobretudo, possibilidade de viver e potência: uma vida política. Para Foucault(2011: 59), a prática não deve ser separada da teoria e não está baseada na “verdade do saber”. Como o autor afirma em “A coragem da verdade”, podemos falar de uma forma-de-vida cínica que é diretamente ligada a parresía<sup>9</sup> ética, que é ao mesmo tempo prática, discurso, vivência. Para que o parresíasta possa, de fato, abraçar seu modo de vida, a crítica se faz um instrumento importante é necessária a problematização dos aspectos da vida e de si mesmo(FOUCAULT, 2011: 30). Esta forma de vida cínica apresentada por Foucault é muito próxima, guardada as devidas proporções e anacronismos, a forma de vida anarcopunk.

Sobre se delimitar em uma forma de vida e a importância da verdade, Saly Wellausen(1996:113) chama atenção para a não essencialização desta verdade, essa verdade é uma produção, é a definição única de um sujeito do que é verdadeiro para si. A autora ainda nos ajuda a lembrar que o que dá credibilidade a forma-de-vida escolhida por um sujeito é a

---

<sup>7</sup> Squatt pode ser definido hoje como habitação comunitária de artistas e intelectuais e estudantes, que inclusive se presta para recepção de turistas na Europa. Mas a palavra também é empregada para designar uma ocupação formada por grupos heterogêneos em regime de autogestão. Na Inglaterra do século XVII, os squatters eram um segmento na categoria de homens sem senhores que ocupavam ilegalmente os terrenos comunais, as áreas incultas e as florestas e com as suas ações resistiam aos cercamentos, às determinações reais e às leis restritivas à propriedade comunal e à pobreza. Ver HILL, Christopher. O mundo de ponta cabeça: idéias radicais durante a revolução inglesa de 1640, São Paulo: Companhia das Letras, 1987 Apud GALLO, Ivone. Punk: cultura e arte. **Varia Historia**, Belo Horizonte, vol. 24, nº 40: p.747-770, jul/dez 2008

<sup>8</sup> Freegan se remete a palavra de origem inglesa *free* e comporta todas as possibilidades de se viver sem dinheiro.

<sup>9</sup> Parresía pode ser definida como o ato corajoso do dizer verdadeiro. Para Saly Wellausen (Michel Foucault: parresía e cinismo. *Tempo Social ; Rev. Sociol. USP*, S. Paulo, 8 (1): 113-125, maio de 1996.) O conceito parresía – ato corajoso do dizer-verdadeiro – constitui o fio condutor donúcleo teórico da trans-historicidade da crítica da razão cínica, permitindo iluminar a questão ética do sujeito livre, entendido como forma vazia sempre pronta a ontologizar-se no chão do solo social.

coerência entre o que diz e a maneira como vive. Assim cínicos<sup>10</sup> pensados por Foucault e este grupo específico de anarcopunks, que estamos analisando aqui, têm esta “coragem de estabelecer correspondência entre viver e dizer” (WELLAUSEN,1996:116) o que tornam ambos próximos em sua forma de vida parresíastica. Exploremos um pouco mais esta afirmação.

Os cínicos, assim como estas/es punks, fazem de sua própria vida, de seu próprio corpo, o teatro escandaloso de uma verdade insuportável, não convencional e provocadora (GROS, 2008: 293-302). Esta verdade torna-se então uma prática, uma atitude de parresía que assume os riscos de se dizer a verdade na sociedade. Dizer a verdade, o falar verdadeiro, da atitude parresíata e crítica, são parte de uma forma de vida a ser cultivada. Algo que deve-se viver com todo o corpo e em todos os aspectos da vida. Para isto os cínicos travavam um combate,

(...) combate contra costumes, contra convenções, contra instituições, contra leis, contra todo um estado da humanidade. É um combate contra vícios, mas esses vícios não são simplesmente os do indivíduo. São os vícios que afetam o gênero humano inteiro, são os vícios dos homens, e são vícios que tomam forma, se baseiam [em] ou são a raiz de tantos hábitos, de maneiras de fazer, de leis, de organizações políticas ou de convenções sociais que encontramos entre os homens. (...) O combate cínico é um combate, uma agressão explícita, voluntária e constante que se endereça à humanidade em geral, à humanidade em sua vida real, tendo como horizonte ou objetivo mudá-la, mudá-la em sua atitude moral (seu *éthos*), mas, ao mesmo tempo e com isso mesmo, mudá-la em seus hábitos, suas convenções, suas maneiras de viver. (FOUCAULT, 2011: 247).

Para as/os punks em um novo contexto histórico, bastante diferente daquele do período helenístico dos cínicos, a experiência de fazer de sua vida o “teatro espetacular da verdade” assume novas e desafiantes formas, ainda que, em muito se aproxime do afirmado na citação anterior sobre os cínicos. Os punks também combatem leis, costumes e o estado de “inércia” e destruição que atribuem a humanidade. Neste sentido as mulheres inseridas nesta cena travam uma batalha ainda mais dura, para além de criticar a sociedade e buscar o

---

<sup>10</sup> O Cinismo foi uma corrente filosófica fundada por volta de 400aC. É definido por Michel Foucault como um modo de vida, muito mais, que uma simples corrente filosófica. Para os Cínicos, a vida virtuosa consiste na independência, obtida através do domínio de desejos e necessidades, para encorajar as pessoas a renunciarem aos desejos criados pela civilização e pelas convenções. Os cínicos empreenderam uma cruzada de escárnio anti-social, na esperança de mostrar, pelo seu próprio exemplo, as frivolidades da vida social.

enfrentamento a coragem-da-verdade destas mulheres toca ainda um campo movediço. A crítica delas se remete também ao interior da própria cena.

Se a forma de vida anarcopunk tem relação com o enfrentamento direto as desigualdades e opressões, as mulheres foco neste texto, escolheram como principal frente de batalha a luta pelo fim da opressão de gênero/ sexista. Ser anarcopunk e assumir isso como forma de vida, trata-se de desconstruir e questionar a todo tempo o que da sociedade de controle biopolítica vive ainda dentro de si. No entanto, como falamos de pessoas reais em tempos históricos, e contextos culturais específicos, temos em vista que por mais libertário que seja esse discurso, na prática diária algumas opressões se perpetuam.

As mulheres anarcopunks escolhem, como muitas mulheres em organizações de esquerda revolucionária escolheram (WOLFF, ) denunciar violência e opressões dentro de seus próprios coletivos, de suas frentes de luta, e como aquelas mulheres décadas antes foram acusadas de divisionismo, de serem “feministas separatistas”, de não se importarem com o que de fato era mais importante “uma luta mais geral”(PEDRO, WOLFF), de acusar os companheiros que já se entendiam como pessoas livres de preconceitos. É sobre estas mulheres anarcopunks que vamos nos debruçar, seus fanzines, suas escritas-de-si, nos dão pistas sobre formas de enfrentamento e resistência, que diferentes daquelas praticadas por outras feministas anos antes, são diretamente vinculadas a prática anarquista e aos ideais de faça-você-mesma trazidos pela cultura punk.

### **As “minas do rolê” ou as feministas na cena punk.**

O *Rock and roll* é visto como um ritmo masculino (SOUZA, 2005: 37); a cena punk, cunhada neste universo, não poderia estar dissociada desse caráter “macho”. Dentro do punk, as associações com o que é definido como masculino, em nossa sociedade, ficam ainda mais visíveis: a música e o visual são extremamente agressivos, punk tem a ver com violência, com choque, com enfrentamento; essas características foram em nossa ocidentalidade, forçadas e reforçadas como ligadas ao que é masculino. Não era de se estranhar, portanto, que, no início do punk e ainda nas décadas de 1970 e 1980 surgissem poucas mulheres na cena. Outra hipótese, apresentada em algumas produções punks feministas (Zine Libido #01, DIAS,2011),

é de que elas foram invisibilizadas na própria cena. Não é que elas não estivessem ali, mas como eram vistas, somente, como as “minas dos caras”, ou, ainda, não ocupassem nenhuma posição de destaque frente a uma banda conhecida, elas não mereceram nenhum destaque nas narrativas sobre o punk. Essa invisibilização das mulheres, na história, foi apontada ainda pelos feminismos (PEDRO, 2005: 85); logo o punk não seria uma exceção. Assim, para evitar o completo esquecimento de sua história as mulheres começaram a dar maior circularidade aos seus zines. Estes, eram coletivos ou individuais e para além da visibilidade do feminismo anarquista, tratavam de assuntos diversos ligados a luta das mulheres.

É importante delimitar a forma como estou lendo estes fanzines, como trabalhei com esta escrita como fonte histórica<sup>11</sup>. O fanzine é uma “escrita de si” (FOUCAULT, 2006: 144-162) ou seja, uma escrita que revela para o outro algo de si mesmo e constitui, tanto para quem escreve quanto para quem lê, uma técnica modificadora do eu. Ao escrever o fanzine, a(s) autora(s) pensa a sua prática e faz a leitora pensar sobre aquilo que lê, buscando imagens ou construindo imagens que transitam da busca do repúdio à simples paródia sarcástica, objetivando, sobretudo violentar o comodismo de se ler sem pensar sobre o que se lê. É uma escrita da subjetividade, mas que se coloca também nas intersubjetividades, buscando conectar-se com a subjetividade de quem lê, expondo a sua própria (GUATTARI; ROLNIK, 1996:15-45).

Por outro lado, o fanzine funciona de certa forma como objeto normatizador dentro do punk. A própria forma de escrita e de construção do material implica na formação de uma estética da escrita punk, que deve seguir uma espécie de estética, próxima ao pastiche e tida como ais geral, para que seja respaldada dentro da cena. Assim teríamos aquilo que é autorizado, reconhecido como punk e o que não é legítimo dentro do meio. Ao começar a escrever um novo fanzine é comum que a norma seja reproduzida. Desta forma, mesmo que contraditoriamente, o fanzine se constitui concomitantemente como uma escrita de si, como exposição de uma subjetividade e também como normatizador dentro da própria cena. Nesse sentido a estética da escrita anuncia muito sobre como aquele zine foi recebido e como pode

---

<sup>11</sup> Metodologia semelhante já foi aplicada em MORAES, Everton de Oliveira. **Deslocados, desnecessários** : o ódio e a ética nos fanzines punks (Curitiba, 1990-2000). xii, 203 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2010.

ser lido e identificado com uma vertente específica do punk. Neste sentido aqui usaremos somente zines anarcofeministas<sup>12</sup>.

### **Construindo uma imagem de si - Anarcofeminismo através dos zines**

O anarcofeminismo não é uma prática nova, mesmo que silenciado muitas vezes pela historiografia, algumas autoras buscaram visibilizar mulheres anarquistas e experiências anarcofeministas do passado. Como o caso das historiadoras Margareth Rago (2001; e 2007) e Miriam Moreira Leite(2005), isso somente para citar algumas obras. No entanto, se fizermos o esforço de pensar quantas mulheres anarquistas são notoriamente conhecidas teremos alguns nomes como: Maria Lacerda de Moura, Emma Goldman, Luci Fabbri, etc, número este que é extrapolado as centenas quando pensamos em homens, que deixaram seus livros escritos para a posteridade, diferentemente de muitas destas mulheres.

As anarcofeministas da década de 1990 reconhecem o legado histórico destas mulheres, o Zine Anarco-feminista (sem número: 1994/5) cita em sua contracapa algumas frases de Maria Lacerda de Moura; já o zine Resist@ (1;2002) traz em sua capa uma frase de Emma Goldman, e em seu interior uma chamada para o lançamento do livro de Margareth Rago, Anarquismo e Feminismo no Brasil. Dito isso, pontua-se aqui que estas mulheres anarcopunks formam sua compreensão do que é anarcofeminismo também em relação a uma história das mulheres anarquistas, todavia compreendem-se em um outro espaço e tempo histórico de ação, no interior da cena punk algumas novas características anarcofeministas são ressaltadas.

Destacamos inicialmente a própria construção estética destes zines, suas imagens e textos, oras em forma de pastiche, ora devidamente diagramados, sempre em preto e branco, são um contraponto direto as sempre belas e coloridas revistas feitas por e para mulheres (MIGUEL, 2009). A profanação como forma de interferência no mundo é também uma característica deste feminismo ligado a cultura punk. Entendemos por profanação o deslocamento que é realizado com alguns dispositivos de controle e cerceamento, que passam

---

<sup>12</sup> Os zines aqui utilizados foram coletados no arquivo pessoal de uma das entrevistadas para minha pesquisa de doutorado, e encontram-se na casa da mesma na cidade de São Paulo. Os Zines foram fotografados e encontram-se disponíveis para consulta em meu arquivo pessoal.

a ser reconfigurados e realocados em uma função que não era sua original, tirando-os de seu caráter sagrado. Assim o dispositivo passa a ter outro uso, sendo deslocado da lógica para o que foi pensado, é liberado ao uso comum, um uso diferente e não controlado como o definido para este dispositivo (AGAMBEN, 2009: 44).

A construção estética dos zines, repleta de imagens e textos foram pensadas como forma de arte e interferência no mundo constitutivas de uma forma de vida anarcopunk. Os textos e imagens são uma clara profanação da mídia para mulheres. Abaixo apresentamos a capa do Zine Pandora (3; 1993):



A diversidade de signos que compõem esta imagem demonstram, de certa forma, a construção de uma identidade do grupo Coletivo Anarco-feminista (CAF), afinal, como diria Sandra Pesavento “as imagens são portadoras de significados para além daquilo que é mostrado” (2008:99). Nela vemos uma medusa que sangra. Este sangramento menstrual que é algo do aspecto biológico ligado ao “ser mulher” pode ser pensado enquanto símbolo de enfrentamento. Quantas vezes vimos na arte clássica e na fotografia contemporânea figuras de mulheres que menstruam? O corpo da mulher também foi higienizado na sociedade biopolítica. E neste sentido, para Graciela Natansohn (2005:287-304), a menstruação é tida em nossa sociedade como algo perigoso, e as mulheres seriam, portanto as portadoras desse perigo.

A menstruação, o sangue vermelho que escorre por entre as pernas, como na imagem acima, foi substituído em nossas propagandas televisivas por um líquido azul, higienizado (NATANSOHN, 2005:295). Retomar o sangue menstrual como algo poderoso é uma profanação do dispositivo higienizador, desta higienização forçada que sofreram os corpos femininos ao longo da história. O perigo a ser retomado e utilizado pelas mulheres é representado, acima, também pela figura da medusa, aquela que na mitologia transformava quem a olhasse em pedra. Fazendo uma analogia pessoal, esta imagem diz muito sobre um dos lemas das anarcofeministas contemporâneas que é: “nenhuma agressão ficará sem resposta”.

A imagem acima é um exemplo daquilo que apresentamos como uma violência estética. O apreço por uma imagem que choca a maior parte das pessoas, tem relação direta com a estética punk que propõe o choque visual como ferramenta para fomentar o questionamento da sociedade, e nesse caso, do papel atribuído às mulheres nesta sociedade.

Esta edição do zine Pandora (#3, 1993), traz diversos textos com as temáticas aborto, violência contra a mulher e estupro. Algumas imagens trazem a Igreja como uma das grandes reguladoras dos corpos femininos, bem como apresentado na charge final do zine. Uma característica interessante dessa edição do zine é a linguagem utilizada, diferente de outros zines publicados em outras partes do mundo. O Pandora utiliza a forma as/os para designar homens e mulheres, em outros zines da mesma época, como o Mulibu (1994), publicado em Portugal, já vemos a utilização do @. Mais tarde torna-se comum na cena punk e nos zines punks a utilização do x no lugar das letras a e o, no sentido de romper com o binarismo de gênero e abarcar todas as pessoas. O que possivelmente veio atrelado à popularização dos escritos acadêmicos neste sentido (teorias *queer*, por exemplo), que demoraram um pouco a ser introduzidos no Brasil.

Apresentamos abaixo uma construção relativa à linguagem, mas, que na construção desse zine, é englobada também na dimensão estética. Mesmo com a imagem desfocada temos uma idéia clara do conjunto de frases:



Nesta capa podemos ver um exemplo de colagem punk (ou pastiche), onde diversos signos são somados. Junto às imagens estão símbolos e palavras soltas que constituem uma figura que pode ser agrupada, e na qual são somados diferentes aspectos relacionados ao anarcofeminismopunk (como grafado no zine). Destacam-se quatro imagens de protesto, sendo que a imagem do meio é de uma punk, com visual “carregado” - moicano levantado, camisa pintada, cinto de rebites - com o rosto coberto. Esta é uma atitude comum em mobilizações punks e anarcopunks. Como estas/es pregam a ação direta, o que caracteriza também o anarcofeminismo do qual falamos, o rosto coberto é uma forma de não ser identificada/o e evitar sofrer as consequências legais dessa coragem da verdade.

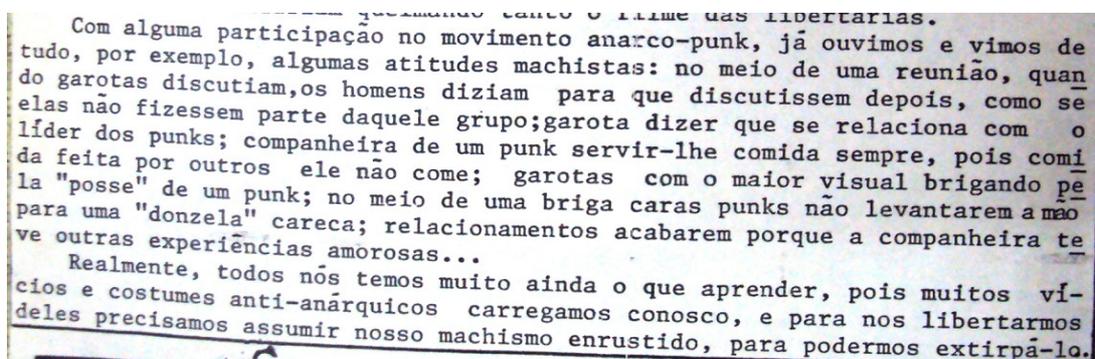
A palavra auto-defesa ali grafada nos remete também a ação direta, e mais uma vez a uma característica do anarcofeminismo, a busca pelo empoderamento das mulheres. Que estas possam, se agredidas, responder a agressão e conseguir se livrar de uma situação de violência, individualmente. Estas mulheres pregam que cada uma deve saber se defender, dado que a sociedade ainda é machista.

Uma outra imagem, que também remete ao empoderamento das mulheres, é a foto de uma banda, localizada no alto à esquerda, onde uma mulher aparece ao microfone. No início deste texto falamos da importância da música para a cultura punk e como, em seu início, poucas mulheres participavam de bandas. Na década de 1990 este contexto muda, apoiadas pelos coletivos de mulheres e pelo anarcofeminismo, muitas mulheres punks começam a formar suas bandas e cantar músicas com temas feministas. Temos o exemplo das bandas Bulimia e Cosmogonia, ambas de Brasília, formadas na década de 1990 somente por mulheres.

Como já dissemos, mesmo que o anarcofeminismo apresentado aqui e situado na década de 1990 tenha relações e reivindique também aquele anarcofeminismo do início do século, ele possui características que o associam ao anarcopunk. Para ser identificado como parte da cena, para além da estética, era necessária a crítica àquilo que se vive no chamado “meio libertário”. Este meio seria “a priori” um lugar onde não se reproduziriam as opressões da sociedade em geral, onde as pessoas que o constituem já teriam lido, refletido e desconstruído seus preconceitos. Todas essas pessoas na cena anarcopunk lutariam contra o

machismo, o sexismo, a homofobia, o racismo, o especismo, o capitalismo e as relações hierárquicas de poder. Desta forma, nada mais haveria de ser feito, a não ser “a revolução” na sociedade, para usar um termo conhecido.

As mulheres vieram questionar toda esta lógica, acusando os companheiros de machismos e violências contra as mulheres, estes mesmos companheiros que em suas letras e falas públicas falavam de feminismo e de como a esquerda marxista foi sexista. Neste sentido, os zines *Anima* (#1, 1997), *zine Sarcastic Smile* (#1, 1997) e *Zine Anarco feminista* (sem número, 1994/95?) trazem reflexões sobre a cena. Neste último lemos:



Com alguma participação no movimento anarco-punk, já ouvimos e vimos de tudo, por exemplo, algumas atitudes machistas: no meio de uma reunião, quando garotas discutiam, os homens diziam para que discutissem depois, como se elas não fizessem parte daquele grupo; garota dizer que se relaciona com o líder dos punks; companheira de um punk servir-lhe comida sempre, pois comida feita por outros ele não come; garotas com o maior visual brigando pela "posse" de um punk; no meio de uma briga caras punks não levantarem a mão para uma "donzela" careca; relacionamentos acabarem porque a companheira teve outras experiências amorosas...

Realmente, todos nós temos muito ainda o que aprender, pois muitos vícios e costumes anti-anárquicos carregamos conosco, e para nos libertarmos deles precisamos assumir nosso machismo enrustido, para podermos extirpá-lo.

Este excerto fala da necessidade da autocrítica e dos perigos de se acreditar uma pessoa completamente despida de preconceitos. Elas também apontam o machismo por parte de homens e mulheres. Na primeira página do zine *Ânima* (#1, 1997) as anarcofeministas afirmam:

Estamos aqui para encher a paciência, incomodar e desafiar “o coro dos contentes machistas”, pois nunca estamos contentes. Podem nos odiar, mas dificilmente vão estar livres de nós, a gente quer ser uma pedra no sapato, somos terríveis mocréias feministas que estão aí para horrorizar as noites de qualquer machão. Aos que nos apreciam, o nosso sincero amor e amizade. Esperamos de coração, que as feministas não fiquem só no que é escrito, mas que suas atitudes prevaleçam inspiradas de vontade, coerência e luta prática.  
HASTA LA LUCHA!(zine *Ânima*, #1, 1997:1)

Nesta citação do zine *Ânima* podemos observar novamente, o recurso do “cinismo” ou do riso. Elas se colocam como “as mocréias feministas”, forma pela qual provavelmente foram chamadas. Podemos aproximar esta atitude do rir-se de si, e de um giro trópico como aquele que experimentamos hoje com a palavra queer. O que gostaríamos de ressaltar aqui é, mais uma vez, o apelo à prática como necessária para a transformação social.

Os feminismos na década de 1990 ganharam novamente uma visibilidade, principalmente no meio punk, com a emergência de um feminismo *Riot Grrrl*<sup>13</sup>, que surge inicialmente nos Estados Unidos, mas logo chega ao Brasil, influenciando bandas como a conhecida Dominatrix e criando zines relacionados a ele (MARQUES, PEDRO, 2012:web). Preocupação esta que também se estendida à cena punk em geral.

A perspectiva de viver o anarcopunk como modo-de-vida estava sendo abandonada na medida em que o punk era cada vez mais comercializado, cooptado pelo sistema capitalista e pela mídia (ESSINGER, 1999; SINKER, 2008). Muitas pessoas se aproximavam do punk, anarcopunk e anarcofeminismo, mas algumas delas não correspondiam ao ideal de vivência prática daqueles ideais.

A escrita de si nos zines dá conta de demonstrar a importância da coerência entre a prática diária e aquilo que se acredita enquanto ideal. Mesmo que a estética e o visual sejam muito importantes, quando se deixa de olhar as falhas em si e em sua cena, este deixa de ser um modo de vida para ser somente reprodução sistemática de algo que se leu ou ouviu. A arte de resistir destas mulheres consiste também em reinventar-se e descobrir novos meios de profanar os dispositivos que nos capturam.

### Algumas considerações

Temos consciência que neste breve artigo não damos conta de discutir todos os aspectos que relacionam o anarcofeminismo enquanto arte e estética de resistência. Este extrato se insere no âmbito maior de minha pesquisa de doutorado onde será possível elaborar mais profundamente as diversas interseções que são apresentadas nos zines e, principalmente, aquilo que caracteriza o feminismo destas mulheres e suas formas de resistência.

A necessidade da prática para a mudança é algo muito próprio à cena punk e anarcopunk principalmente, onde a idéia do faça-você-mesm@ pode ser colocada como uma premissa definidora das mesmas<sup>14</sup>. É esse parâmetro que, de certa forma, “empodera” as

---

<sup>13</sup> *Riot Grrrl* é uma expressão em inglês, amplamente utilizada no Brasil e em outros países. Pode ser traduzida como garota rebelde ou motim das garotas. A utilização da grafia e pronúncia Grrrl, em contraponto ao girl, funciona como um grunido, o som de sua revolta.

<sup>14</sup> DIAS, Mabel. **Mulheres anarquistas** vol.2. São Paulo: Imprensa Marginal, 2011.; O'HARA. Op Cit..

mulheres presentes na cena anarquista e punk a fazer algo como: bandas de mulheres, fanzines de mulheres, shows para mulheres, tudo por iniciativa delas e com o dinheiro/tempo/criação das próprias mulheres da cena. Essa característica de criação de alternativas e incitamento à ação, tão pulsante na filosofia punk, é apontada por Beatriz Preciado como uma das características destes novos feminismos, onde o anarcofeminismo contemporâneo pode ser lido. Para ela:

Este nuevo feminismo posporno, punk y transcultural nos enseña que la mejor protección contra la violencia de género no es la prohibición de la prostitución sino la toma del poder económico y político de las mujeres y de las minorías migrantes. Del mismo modo, el mejor antídoto contra la pornografía dominante no es la censura, sino la producción de representaciones alternativas de la sexualidad, hechas desde miradas divergentes de la mirada normativa. Así, el objetivo de estos proyectos feministas no sería tanto liberar a las mujeres o conseguir su igualdad legal como dismantelar los dispositivos políticos que producen las diferencias de clase, de raza, de género y de sexualidad haciendo así del feminismo una plataforma artística y política de invención de un futuro común. (PRECIADO: web).

É relevante o destaque feito pela autora do campo de embate se traçar diretamente no campo das artes e dos diversos dispositivos<sup>15</sup> de controle de corpos e sexualidades. A estética punk das garotas na cena, de seus zines e de sua música são nelas mesmas um enfrentamento ao feminismo burguês. As músicas são gritadas e seu visual foi criado para não fazer parte do sistema burguês de mercadoria. Estas mulheres buscam não só acabar com o sexismo e a “sociedade patriarcal”, mas buscam em sua forma-de-vida existir de maneira diferente daquela imposta pela sociedade biopolítica atual. Assim criaram formas de resistência e de vivências para além daquelas midiáticas e tidas como adequadas às mulheres. Esperamos ter incitado, com este trabalho, a ânsia por conhecer mais desta corrente feminista tão esquecida pela historiografia.

### Referencias Bibliográficas

AGAMBEN, Giorgio. O que é um dispositivo? In: \_\_\_\_\_ O que é o contemporâneo? e outros ensaios. Tradutor: Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003.

---

<sup>15</sup> A autora trabalha os dispositivos no mesmo sentido que Giorgio Agambem (2009), o qual já foi citado anteriormente.

CAIAFA, Janice. **Movimento punk na cidade: a invasão dos bandos sub.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor.1985

DIAS, Mabel. **Mulheres anarquistas.** vol.2. São Paulo: Imprensa Marginal, 2011.

ESSINGER, Silvio. 1999. *Punk: anarquia planetária e cena brasileira.* São Paulo: Editora 34.

FOUCAULT, Michel. **A coragem da verdade: o governo de si e dos outros II.** São Paulo: editora Martins fontes, 2011.

FOUCAULT, Michel. Ética, sexualidade e política: **Ditos & escritos.** v. 5. Rio de Janeiro:Forense Universitária, 2006, p. 144-162.

GALLO, Ivone. Punk: cultura e arte. **Varia Historia,** Belo Horizonte, vol. 24, nº 40: p.747-770, jul/dez 2008

GROS, Frédéric. **Verità, soggettività, filosofia nell'ultimo Foucault.** In: GALZIGNA, Mario (org.). Foucault oggi. Milano, Feltrinelli, 2008, pp. 293-302. Tradução portuguesa de Selvino J. Assmann.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. Micropolítica. **Cartografias do desejo.** 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996. P.15-45

MARQUES, G. M. ; PEDRO, Joana M. . O feminismo Riot: geração e violência. **Labrys** (Edição em Português. Online), v. 22, p. 1-15, 2012.

MIGUEL, Raquel de Barros Pinto. Universidade Federal de Santa Catarina- Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas. . **A revista Capricho como um lugar de memória (décadas de 1950 a 1960).** Florianópolis, SC, 2009. 1v Tese (Doutorado).

MORAES, Everton de Oliveira. **Deslocados, desnecessários :** o ódio e a ética nos fanzines punks (Curitiba, 1990-2000). xii, 203 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2010.

MOREIRA, Gastão. **Botinada** - A Origem do Punk no Brasil, 2006. Cor. 152min.

NATANSOHN, L. Graciela. O corpo feminino como objeto médico e “mediático”. **Estudos Feministas,** Florianópolis, 13(2): 256, maio-agosto/2005, PP -286- 304

O HARA, Craig. **A filosofia do punk:** mais do que barulho.São Paulo: Radical Livros, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jataí. O mundo da imagem: território da história cultural. In: \_\_\_\_\_; SANTOS, Nadia Maria Weber; ROSSINI, Miriam de Souza(orgs). **Narrativas, imagens e práticas sociais:** percursos em história cultural. Porto Alegre, RS: Asterisco, 2008. P. 99-122.

PRECIADO, Beatriz. **Después del feminismo**. Mujeres en los márgenes. Disponível em: <http://www.caladona.org/grups/uploads/2010/05/despues-del-feminismo-beatriz-preciado.pdf>  
SINKER, Daniel. 2008. *Não devemos nada a você*. São Paulo: edições Ideal.

WELLAUSEN, Saly. Michel Foucault: parrhêsia e cinismo. **Tempo Social** ; Rev. Sociol. USP, S. Paulo, 8 (1): 113-125, maio de 1996.

## Zines

Zine Libido, #01, sem ano.

Zine Anarco-feminista, sem número, 1994/5.

zine Resist@, #1, 2002.

Zine Pandora, # 3, 1993.

Sarcastic Smile, #1, 1997.

Mulibu, sem número, 1994. Portugal.

Zine Ânima, #1, 1997.

Zine Anarco feminista, sem número, 1994/95?.